SUBMISSÃO E SILENCIAMENTO: UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS DOS CONTOS "MAIBI", DE ALBERTO RANGEL, E "A CALIGRAFIA DE DEUS", DE MÁRCIO SOUZA[1]

Maria Rosângela Soares Almeida[2]
Everton Mateus Moura Castro[3]

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar como as personagens femininas dos contos "A Caligrafia de Deus" (2007), de Márcio Souza, e "Maibi" (2008), de Alberto Rangel, sofrem com a submissão do seus corpos e o silenciamento das suas vozes dentro das narrativas, levando em consideração todos os contextos em que elas estão inseridas e contribuir nos estudos das personagens femininas dentro da literatura brasileira de expressão amazônica, ainda refletindo sobre os desdobramentos das personagens e os processos de supressão da figura feminina nos contextos históricos, sociais, culturais e literário. Izabel Pimentel/Índia Potira, do conto "A Caligrafia de Deus", e Maibi, do conto homônimo, são personagens que sofrem com o estigma de mulher cabocla, índia e marginalizada. Para tanto, temos como base teórica e crítica os autores Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980 a e b), Woolf (2012), Costa (2005), Gondim (2007), Silva (2015), Souza (1978), entre outros.
Palavras-chave: Submissão; Silenciamento; Mulher; Literatura Amazônica.

Abstract: The present work aims to analyze how the female characters in the short stories "A Caligrafia de Deus" (2007), by Márcio Souza, and "Maibi" (2008) by Alberto Rangel, suffer from the submission of their bodies and the silencing of their voices within the narratives, considering all the contexts in whit they are inserted and to contribute to the studies of the female characters in the Brazilian Literature of Amazonian expression, and reflecting on the deployment of the characters and the processes of suppression of the female figure in the historical, social, cultural and literary contexts. Izabel Pimentel / India Potira, from the short story "A Caligrafia de Deus", and Maibi, from the homonym short story, are characters who suffer from the stigma of *a cabocla*, Indian and marginalized woman. For that, we have as a theoretical and critical basis the authors Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980 a e b), Woolf (2012), Costa (2005), Gondim (2007), Silva (2015), Souza (1978), among others.
Keywords: Submission; Silencing; Woman; Amazonec Literature.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que, durante muito tempo, as mulheres foram vistas como sujeitos inferiores aos homens dentro das esferas da sociedade, sendo o patriarcado um produto dessas relações de poder. Com o advento dos movimentos feministas, a mulher buscou seu lugar na sociedade, desde a conquista pelo direito ao voto até a ascensão de cargos políticos e de chefia. Na literatura, essa revolução feminista também aconteceu, havendo o protagonismo de autoras e de personagens femininas bem mais fortes dentro das narrativas. Partindo desses pressupostos, tomamos como análise duas personagens de

---

[1] Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa no semestre 2019/1.
[2] Acadêmica do Curso de Letras IEAA/UFAM.
[3] Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso.

contos contextualizados na região amazônica de autores distintos; o conto “Maibi” (2008), de Alberto Rangel e o conto “A Caligrafia de Deus” (2007), de Márcio Souza.

É notável na leitura das duas narrativas algumas semelhanças entre as situações vivenciadas pelas protagonistas Maibi, do conto homônimo, e Izabel Pimentel/ Índia Potíra, personagem do conto “A Caligrafia de Deus”. Tais relações estão no modo como essas personagens nativas do espaço amazônico são vistas como mulheres submissas e servis, cujo principal fator de discriminação e violência se dá pelo fato de serem mulheres e representarem o ideário de mulher cabocla/índia transplantado nos processos de colonização da região amazônica, devido aos estereótipos criados e que atuam como elementos de exclusão das mesmas.

Com base nisso, o objetivo do trabalho é analisar as formas de submissão e silenciamento que as personagens dos contos “Maibi” e “A Caligrafia de Deus”, como mulheres, sofrem dentro das narrativas, levando em consideração como os aspectos sociais, culturais e históricos contribuem para a objetificação, erotização, sexualização dos corpos femininos e como acarretam em violência, submissão e silenciamento das vozes das mulheres dentro do contexto literário amazônico, reforçando um discurso sexista sobre a mulher marginalizada.

Para a realização deste trabalho, utiliza-se um levantamento teórico bibliográfico que aborda, primeiramente, o papel da mulher ao longo da história, sobre a sua posição e função em relação ao homem dentro das sociedades, com base em Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980 a e b), Bonnici (2007), Woolf (2012), Michel (1982), Perrot (2007), entre outros. Em seguida, para descrever sobre a presença da mulher na sociedade amazônica, seus papéis e seus lugares, considerando os aspectos históricos, sociais e culturais da região, utiliza-se como base Heloísa Lara Campos Costa (2005), Gondim (2007), Joana da Silva (2015), Márcio Souza (1978), entre outros.

O papel da mulher ao longo da história

Durante muito tempo na história da humanidade, as mulheres tiveram avanços e retrocessos resultantes de transformações sociais, econômicas e políticas. Esses processos de transformações colaboraram na distinção de papéis sociais entre homens e mulheres. A mulher possuía como função principal a reprodução que, segundo Branca Alves e Jaqueline Pitanguy (1985), ela servia para a geração, amamentação, criação dos filhos, bem como era responsável por devoção e servidão ao homem, pois, “é a maternidade sua vocação natural” (BEAUVOIR, 1980b, p. 248). Virginia Woolf (2012) usa a figura metonímia de anjo do lar para caracterizar tal papel. Segundo ela, essa figura feminina

“era extremamente simpática [...] sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião, vontade própria. ” (WOOLF, 2012, p.12).

Baseando-se também no discurso científico de que os órgãos sexuais femininos são a prova de sua inferioridade, Ambroise Pare apud Alves e Pitanguy (1985) diz “[...] o que o homem tem externamente a mulher o tem internamente, tanto por sua natureza quanto por sua imbecilidade, que não pode expelir e pôr para fora estas partes” (1985, p. 21-22). O sexo feminino, nesse sentido, era visto como motivo de sua sujeição, devido à hierarquia construída e fortalecida através das instituições, tais como a religião, a ciência, a família e o próprio estado que serviam de alicerce para sua propagação.

No entanto, havia uma diferenciação nas relações entre sexos nos povos da Gália e da Germânia, pois nessas sociedades tribais a mulher possuía o mesmo protagonismo que o homem. Segundo Alves e Pitanguy (1985), “faziam a guerra, participavam dos conselhos tribais, ocupavam-se da agricultura e do gado, construíam suas casas. As mulheres funcionavam também, como juízas, inclusive de homens” (1985, p. 15), porém essa não é a história dominante.

Segundo Alves e Pitanguy (1985), em Bigorre (França), nos primeiros séculos da Idade Média, a datar dos meados do século XIII, as mulheres passaram a usufruir de alguns direitos que antes lhe eram negados, de forma que quase todas as profissões eram permitidas, assim como o direito de propriedade e sucessão, além disso, havia mulheres participando de assembleias e com direito a voto. Porém, a participação da mulher sempre esteve associada a ausência masculina, ou seja, a mulher apenas tivera participação no trabalho fora do lar, quando por motivos de guerra, o homem não se fazia presente. Contudo, mesmo a mulher exercendo a mesma função que o homem, a remuneração do trabalho feminino sempre foi inferior, e em determinados períodos surgiram restrições sobre a atuação da mulher no mercado de trabalho. Por exemplo, em Londres, no ano de 1344, foi posto que só poderiam ser empregadas mulheres quando fossem esposas ou filhas de membros da corporação de alfaiates.

Na área da educação, não havia muita diferença, visto que, as mulheres frequentavam universidades, no entanto era apenas uma pequena parcela comparada a quantidade de homens. Segundo Alves e Pitanguy (1985), Christiane de Pisan, em meados do século XIV, fez parte dessa minoria, ela foi a primeira mulher indicada a poeta oficial da corte e pode ser considerada uma das primeiras feministas da história, em virtude de ser a primeira mulher a ter um discurso em defesa dos direitos da mulher e a

escrever o primeiro tratado feminista, *Cidade das Mulheres*, no qual refutava a inferioridade da mulher. Porém, a ideia que predominou sobre a mulher foi a difundida pelo romantismo, da mulher como um ser frágil que está à espera do cavaleiro andante, e foi assim que ela foi estereotipada, "fraca, passiva e instintiva" (BONNICI, 2007, p.79).

No século XVI, a igreja proibiu o ingresso das mulheres nas universidades, ocasionando a redução das mesmas no mercado do trabalho. As mulheres que ousassem desafiar o poder patriarcal e da Igreja deveriam ser queimadas, sob a acusação de bruxaria, pois deveriam seguir o modelo de Maria, pura e mãe, em consequência disso, todas as mulheres que não seguiam esse modelo, como por exemplo, as mulheres que tinham conhecimentos desconhecidos pelo homem ou conhecimentos que não fosse saber acadêmico, passaram a serem caracterizadas como bruxas. Segundo Perrot (2007, p. 91), "É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso". Logo, todas as mulheres que eram curandeiras, parteiras e utilizavam ervas como remédios medicinais deveriam ser caçadas, pois apenas o homem deveria deter o poder de cura, e para que sua hegemonia fosse reestabelecida essas práticas deveriam ser abolidas. E dessa forma, sucedeu-se que:

> A cidade de Genebra queimou, no ano 1515, em apenas 3 meses, nada menos que 500 mulheres; na Alemanha, o Bispado Bamberg queima de uma só vez 600 mulheres, e o Wutzburgo, 900. As confissões eram extraídas sob tortura e mesmo contra qualquer evidência, como afirma Michelet. (ALVES E PITANGUY. 1985, p.25)

As condenações feitas não se davam apenas pela Inquisição e instituição de medicina, mas pelos discursos de "intelectuais" e humanistas que acusavam a mulher de ser inferior e impura, isto é, eram queimadas simplesmente por serem mulheres. Segundo os estudos de Alves e Pitanguy (1985), Jacques Sprenger, inquisidor e teórico da demonologia, e autor do manual do caçador de bruxas, *Malleus Maleficarum*, tinha como finalidade demonstrar a inferioridade da mulher a partir de uma concepção bíblica. Para Jacques Sprenger apud Alves e Pitanguy (1985, p.24) "[...]. Existe um defeito na formação da primeira mulher, pois ela foi feita de uma costela curva, torta, colocada em oposição ao homem. Ela é, assim, um ser vivo enganador". Dentro desta perspectiva sexista, toda forma de violência, torturas e assassinatos de mulheres sob a acusação de bruxaria, tiveram o intuito de restabelecer o poder da Igreja e a manutenção do patriarcado por meio do medo e do terror.

No período renascentista, houve retrocesso na posição da mulher. Na Idade Média, o trabalho não possuía prestígio social, mas com o renascimento houve novas mudanças e ideias filosóficas, e o trabalho passou a ser um instrumento de transformação do mundo por meio do homem, logo a mulher perdeu seu papel sendo retirada de todo sinal de poder. As mulheres passaram a exercer apenas atividades desvalorizadas pelo homem e de baixa remuneração, levando ao afastamento da mulher do trabalho coletivo e transportando-a para o particular (ambiente doméstico), de maneira que o trabalho doméstico limitou a mulher apenas na "repetição e na imanência [...] não produzem nada de novo" (BEAUVOIR, 1980a p.83). Foi nesse período que a ideologia da mulher confinada ao lar estava em ápice. Segundo Andreé Michel (1982), a exclusão da mulher no mercado de trabalho desconsiderou que "[...] 40 a 50% das mulheres que viviam na cidade eram solteiras e que elas contavam com sua força de trabalho para subsistir" (MICHEL, 1982, p.52).

No século XIX aproximadamente cerca de 40 a 80 mil mulheres em Paris e em Londres recorrem à prostituição devido à falta de emprego. No campo intelectual também acontece essa exclusão. De acordo com Alves e Pitanguy (1985), "não se tem registro de mulheres frequentando universidades até meados do século XIX. Desaparecem as mulheres médicas, cirurgiãs, advogadas" (1985, p.28). Além da desigualdade na quantidade de escolas masculinas e femininas, havia ainda diferença no ensino ministrado, visto que, o ensino das meninas concentrava-se em atividades de casa. Conforme Alves e Pitanguy (1985):

> Não é de se estranhar, portanto, que as primeiras vozes de contestação feminina que a história moderna registra se dirijam justamente contra a desigualdade sexual no acesso à educação e ao trabalho. (1985, p. 28)

Dado que esses direitos sempre foram negados as mulheres, e com a consolidação do capitalismo, isso segue evidente. As tarefas antes executadas em casa passam a ser nas fábricas, à vista disso, houve um aumento na mão-de-obra feminina. As mulheres sofriam longas jornadas de trabalho, além da baixa remuneração. Para Alves e Pitanguy (1985, p. 38) a diferença nos salários era justificada por que elas "[...] tinham ou deveriam ter quem as sustentasse. "

Ainda assim, os meados do século XIX foram marcados por muitos movimentos revolucionários, no que diz respeito à melhores condições de trabalho. As mulheres que buscavam melhorias sofreram repressões, muitas foram presas e violentamente

reprimidas. Do mesmo modo, surge o Movimento Sufragista, mas que luta pelos direitos de cidadania, direito de voto e ao voto, pois esses direitos só eram concedidos a pessoas que possuíam altas rendas. Após 72 anos de luta e de inúmeras prisões, em setembro de 1920 foi por fim concedido o voto às mulheres nos EUA. E com o decorrer do tempo, as mulheres conseguiram alcançar outros direitos até então negados, como na França conquistaram o "direito de fazer exame para a universidade, igualdade nas admissões ao magistério superior, etc" (MICHEL, 1982, p. 72). No campo do trabalho, em 1927 elas conseguiram o direito ao emprego e igualdade de trabalho, e em 1938 elas puderam "ter uma carteira de identidade sem o consentimento do marido" (MICHEL, 1982, p. 72).

É de extrema relevância lembrar que tais conquistas foram alcançadas graças a mulheres que romperam o silêncio, e colocaram em pauta a questão da mulher, e que colaboraram para a libertação social, e principalmente, intelectual da mulher, como por exemplo, Olympe Gounges, que discursou sobre a inclusão da mulher na vida política e civil. Outra mulher de suma importância é Kate Millet, que fala sobre as relações entre os sexos, demonstrando que "o sistema patriarcal é um sistema universal de dominação prevalente em todas as culturas" (ALVES, PITANGUY, 1985, p. 53), e que penetra vários campos da sociedade. Heleieth Saffioti faz uma análise sobre a condição da mulher no sistema capitalista, e retrata a evolução histórica da condição da mulher no Brasil. Simone de Beauvoir, afirma que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1980b, p. 9), visto que, o "feminino" e o "masculino" são condições sociais e culturais que são responsáveis pela construção da identidade feminina e masculina, ou seja, aprende-se a ser homem ou mulher, demonstrando que a hierarquia sexual não é ocasionada por uma questão biológica, mas fruto de um processo histórico, o qual pode ser combatido e transformado. Há outras mulheres que foram de suma importância na consolidação do feminismo, pois foi através delas que as mulheres passaram a serem descritas, e não mais representadas por meio de estereótipos ou concepções patriarcalistas, como "as inglesas Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot, Virginia Woolf, etc., e as francesas Colette, Marguerite Yourcenar, Nathalie Sarraute, Marguerite Duras, Françoise Sagan etc." (PERROT, 2007, p.99).

Portanto, percebemos que a história da mulher é uma história de repressões e resistências enfrentada por mulheres que não aceitaram a limitação de seus papéis sociais, culturais e políticos, que não deixaram se abater pelo sexismo e que, através de muitas lutas, conseguiram o direito ao voto, direito de serem votadas, direito de ingressarem em escolas, direito a participarem do mercado de trabalho. E assim, a partir dessas

transformações nos contextos de muitas sociedades, no que tange aos aspectos culturais e políticos, surgiram organizações de mulheres para reivindicarem seus direitos com diferentes finalidades, rompendo o seu silêncio, na busca de superar os modelos cristalizados, no qual, as diferenças entre os sexos se manifestem como formas de poder e discriminação.

A mulher na sociedade amazônica

A Amazônia sempre foi vista como exótica, subalterna e selvagem aos olhos do restante do mundo. Tais estereótipos remontam, historicamente, os períodos de conquista, colonização e ocupação da região, que desde a sua "descoberta", sofreu com os impactos desses processos.

Pode-se perceber isso através de diversos dos relatos de viajantes, que durante os primeiros séculos de ocupação, deslumbrados com as notícias que chegavam sobre a Amazônia, aventuravam-se pelo Território da Canela ou do Eldorado, buscando riquezas e a conquista do território amazônico. Esse discurso fez-se sobre um ideário e imaginário europeu de que a região guardava muitos mistérios e segredos por conta da sua exuberância e exotismo. Mediante a tais construções de imagem acerca da Amazônia, ela é inventada (GONDIM, 2007), evidenciando, assim, a reverberação de lendas, mitos e fatos que se prologaram por muito tempo. Um dos casos mais evidentes é a construção da narrativa que gira em torno das amazonas, as lendárias mulheres guerreiras. Para Carvajal apud Neide Gondim (2007) essas mulheres eram:

> [...] muito alvas e altas, com cabelo muito comprido, entrelaçado e enrolado na cabeça. Muito membrudas e andavam nuas sem pelo, tapadas as suas vergonhas, com arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. (2007, p. 104).

Esse trecho é o primeiro relato da presença da mulher na região amazônica, datado por volta de 1541-1542, durante a expedição de Francisco de Orellana. No entanto, percebemos que as características dessas mulheres são contraditórias ao arquétipo das mulheres amazônicas que conhecemos atualmente, visto que essa imagem foi construída baseada na mitologia grega e reforçada por um ideário europeu.

Após esse período, há uma supressão de fatos no que se diz respeito ao papel e a participação da mulher na sociedade amazônica, mesmo que seja sabido que, antes mesmo da chegada dos colonizadores, a região contava com sociedades indígenas bem estabelecidas, com efetiva participação da mulher indígena. Tais informações são de

difícil acesso, devido à ausência ou omissão, conforme Heloísa Lara Campos da Costa (2005) afirma:

> Data a nebulosidade de que se revestem as informações sobre a mulher, tentar captar como se inseriu na realidade social passada da Amazônia, requer um duplo desafio, primeiro, buscar o entendimento das relações sociais políticas econômicas que, imbricadas, produziram um determinado ideário sobre a mulher, e, segundo, o ocultamento que cerca as informações sobre a mulher, pela excessiva "naturalização" como são vistas e registradas pelos observadores as práticas de relações de gênero. É como garimpar num terreno pedregoso e de difícil acesso ao veio principal. (2005, p.26)

Em vista disso, as informações sobre a participação da mulher na sociedade amazônica é algo escasso, pois há poucos registros que discorram sobre. Castro (2018) levanta essa questão de como é difícil falar da mulher na sociedade passada da Amazônia. Pensar nesta questão é voltar os nossos olhos para o passado sócio histórico da região e procurar entender o porquê da omissão do papel feminino dentro desta sociedade, principalmente, no que tange aos primeiros séculos de ocupação.

Segundo Castro (2018), no período Império-Colonial surgem alguns registros acerca da mulher, quando havia um grande interesse nos recursos naturais da região e a necessidade de expansão territorial para a consolidação do poder português. Joaquim de Mello e Póvoas, governante da capitania São José do Rio Negro em 1755, buscou construir uma sociedade local, promovendo o casamento da mulher negra, que veio como mão de obra escrava à região, e da mulher indígena, nativa amazônica com seus soldados, além das mulheres brancas, que vieram acompanhando seus maridos e a partir de dado momento foram incluídas na constituição do social, cultural e histórico da Amazônia.

Tais casamentos não aconteceram de maneira amável, eram forçados, nos quais as mulheres foram violentadas das mais variadas maneiras, assim, originando o caboclo e a cabocla, sujeitos híbridos, que não eram nem brancos, nem negros, nem indígenas. É relevante ressaltar que o resultado desse processo foi a miscigenação no território amazônico. A verdade é que a sociedade amazônica nasceu do estupro e do abuso dos corpos das mulheres.

Passado todo o processo de ocupação da Amazônia, a região ainda era vista como longe-periférico. Nem a coroa portuguesa, nos séculos iniciais, e posteriormente, nem o império brasileiro, conseguiram estabelecer ações governamentais para o progresso da região. Foi em meados do século XIX, com a descoberta do látex, que os olhos do mundo se voltaram, novamente, ao território amazônico como oportunidade e a estabilização de

uma sociedade econômica, atraindo, assim, uma multidão de pessoas para os centros de extração e comércio da borracha. Do retirante nordestino ao barão francês.

Foi nos seringais que a escassez da mulher se constituiu como algo para o lucro. A presença feminina nesses ambientes, a transformou em objeto de satisfação sexual do homem. A mulher não era dona do seu corpo, pois ele era sexualizado, escravizado e abusado de todas as maneiras, assim como é retratado em diversos romances, como *A Selva* (1930) de Ferreira de Castro e *Inferno Verde* (1913), especialmente no conto "Maibi" de Alberto Rangel. A mulher durante esse período tornou-se uma "mercadoria de luxo", porquanto para possuí-la era necessário pagar um alto valor, à vista disso, muitos seringueiros recorriam a violências sexuais contra mulheres mais velhas e cunhatãs, além de práticas homossexuais e zoofilia. Para Márcio Souza (1977):

> A presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lamentável versão [...] enquanto coronel podia contar com as perfumadas cocotes, além de suas esposas, o seringueiro resvalava para o onanismo, para a bestialidade e práticas homossexuais. Esta penosa contradição legou uma mentalidade utilitarista em relação à mulher. Na sociedade tribal amazônica, a mulher estava integrada sob diversas formas de submissão. Com o extrativismo da borracha, onde a procura era maior que a oferta, ela seria transformada em bem de luxo, objeto de alto valor, um item precioso na lista de mercadorias, uma mobília. (1977, p. 99).

Reafirmando o pensamento de Souza (1977), Lucilene Lima (2009) diz que "como a seringueira, a mulher não pertence ao seringueiro, é um bem do qual só pode usufruir quem sobre ele adquire direito. " (2009, p.19). Desta forma, percebe-se que a dominação do corpo feminino foi construída por meio da propagação de um discurso de que a mulher pertence somente ao patrão, porque a ele pertencem os meios de produção e ela é a mercadoria.

Faz-se necessário saber que a mulher também teve participação na extração da borracha, há vários relatos de mulheres trabalhando nos seringais, assim como o relato da senhora Rita Fonseca Nogueira no texto de Maurício Negreiros (2014):

> [...]. Meu marido era pobre, e o que ele ganhava não dava pra sustentar o conforto que a gente tava acostumado. Aí eu achei melhor eu ir ajudar ele pra criar meus filhos. Eu me casei com dezessete anos, não tinha mais pai quando me casei. Aí minha mãe morreu. Quando minha mãe morreu eu já tinha casado, com pouco tempo ela morreu, aí eu tive que ajudar ele (marido) pra ver meus filhos bem.
> Trabalhar na seringa, de tarde ia juntar caroços, pra quando eu fosse defumar a borracha. (2014, p.6)

Nota-se que a mulher possuía múltiplas tarefas, dado que ela tinha que atender aos serviços domésticos, como cuidar dos filhos, da casa, além de trabalhar no seringal para contribuir na manutenção do lar. É perceptível a invisibilidade do trabalho de mulheres seringueiras, pois apenas depois de muito tempo as próprias seringueiras estão rompendo esse silêncio, e ocultação da história de muitas outras mulheres.

A partir dessas constituições, criou-se uma relação de hierarquia entre as mulheres na região. A mulher nativa, por exemplo, possuía uma posição de inferioridade não apenas em relação ao homem, mas entre outras mulheres. Essa subordinação e rejeição a mulher nativa, a indígena, se dava por questões econômicas, sociais, culturais, étnicas, além do gênero. De acordo com Heloisa Lara Campos da Costa (2005), trata-se de uma herança do período colonial da região amazônica no século XIX, pois esse preconceito era uma atitude típica da elite estrangeira da época.

> [...] É muito frequente no registro dos viajantes a referência à lascívia e luxúria encontradas nas mulheres nativas. O espontaneísmo sexual dessas mulheres indígenas e caboclas, na visão de estrangeiros, em sua maior parte, de formação calvinista, etnocentricamente era visto como imoralidade. Para uma elite regional que pretendia se afirmar perante o colonizador, cumpria se distanciar dessas formas de comportamento, utilizando-se de símbolos como roupas, jóias, objetos de decoração, atitudes de recato que cumpriam o papel de diferenciá-las do resto da população empobrecida (2005, p. 152).

Essa discriminação é evidenciada na forma como as indígenas são tratadas perante os homens e entre outras mulheres, pois não só havia maneiras de diferenciá-las, mas também a exigência de mudanças comportamentais, a fim de que a mulher amazônica, a indígena e a cabocla, pudesse ser diferenciada pela elite**.** Segundo Joanna da Silva (2015):

> O gênero, enquanto categoria relacional de análise, mantém uma estreita relação com outras categorias, como classe e etnia. Estas, por sua vez, encontram-se a partir das relações de poder e, consequentemente, apresentam hierarquias que reforçam ou conduzem à desigualdade social, a qual encontraremos não só nas relações sociais entre homens e mulheres, mas também no convívio das mulheres entre si. (2015, p. 117)

Portanto, notamos que as relações entre gênero, classe e etnia, mostram bastante evidentes na questão da condição subalterna que caracteriza as mulheres indígenas, em referência a outras mulheres, e ambas inferiores à figura masculina. A mulher nativa do espaço amazônico é sempre vista como submissa e servil, cujo principal fator de discriminação e violência é o fato de ser mulher e de representar o ideário de mulher

cabocla/índia transplantado nos processos de colonização da região amazônica, por meio de estereótipos que atuam na sociedade como uma forma de exclusão. E durante muito tempo foi retratada como objeto sexual, que deveria servir apenas para satisfazer o homem branco, e por isso, ela nunca é vista como a imagem idealizada pelo modelo familiar tradicional.

Autores e obras

O conto "Maibi" compõe o livro *Inferno Verde* (2008), escrito pelo autor Alberto Rangel, que segundo Marco Frederico Kruger (2008) no prefácio da edição analisada, foi um engenheiro e escritor brasileiro. Nasceu em Recife (Pernambuco) em 29 de maio de 1945. Se formou em Engenharia pela Escola Militar do Rio de Janeiro, em 1899. Após, saiu do Exército, justamente quando lançou seu primeiro livro: *Fora de Forma*, em 1900, e mudou-se para o Amazonas, onde trabalhou como diretor geral da Repartição de Terras, Minas, Navegação e Colonização (1901-1904), além de secretário do governo, durante a gestão de Antônio Constantino Nery e foi nesse período que escreveu o livro *Inferno Verde* (2008), com prefácio de Euclides da Cunha.

"Maibi" narra a história sobre a vida dos seringueiros e a exploração ambiciosa e desenfreada da selva Amazônica, relata o trabalho escravo vivenciado pelos trabalhadores nos seringais, os quais viviam em péssimas condições de vida, muitos morriam devido a doenças tropicais da região, e os que não morriam viviam com a ilusão de saldar sua dívida, de maneira que o saldo significava liberdade. A mulher nesse espaço é vista como um prêmio e ao mesmo tempo como uma dívida que viria a aumentar, como foi o caso de Maibi que pertencia a Sabino e foi repassada para Sérgio, para quitar uma dívida, pois embora possuir uma mulher fosse o desejo de todos, ela também representava um atropelo, e por fim, o conto se encerra com o assassinato brutal de Maibi.

Márcio Souza, segundo Engrácio Arthur, na obra "Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas" (1994), é romancista, ensaísta, dramaturgo, cineasta e jornalista. Nasceu em 4 de março de 1946, em Manaus, onde iniciou sua carreira precocemente, por meio do livro de críticas juvenis de cinema, *Mostrador de Sombras* (1967) e foi com o decorrer do tempo que teve um grande reconhecimento regional, nacional e internacional. É um dos autores mais traduzidos do país, com livros publicados em mais de vinte países. Escreveu diversas obras, sobretudo no ambiente sociocultural da Amazônia, incluindo obras literárias e críticas.

Entre as obras que Souza escreveu, destaca-se o livro de contos *A Caligrafia de Deus* (2007), é uma obra composta por cinco histórias que tem a cidade de Manaus como

ponto de ligação, narrando a história da decadência da antiga metrópole do *boom* da borracha. Dessa obra, destaca-se o conto homônimo que traz a narrativa de personagens degradados. Ele começa com o assassinato de dois protagonistas, Izabel Pimentel/Índia Potira e Alfredo Silva/Catarro. Izabel Pimentel (Índia Potira), é uma índia meio baniwa meio tikano, catequizada na comunidade Iauareté-Cachoeira pela missão salesiana de São Miguel, que passa por um processo de aculturação e perda da sua identidade cultural, por meio da religião e do colonialismo. Ela foge de Iauareté-Cachoeira para Manaus na busca de se tornar uma "moça da cidade", porém já na cidade de Manaus, ela não consegue achar seu lugar. Izabel Pimentel/Índia Potira é marginalizada pela civilização moderna, não conseguindo moldar-se ao meio, pois seus estereótipos de mulher subalterna e marginalizada a perseguiam.

Submissão e silenciamento das personagens Maibi e Izabel Pimentel/Índia Potira

Os contos "Maibi" de Alberto Rangel e "A Caligrafia de Deus" de Márcio Souza representam dramas cotidianos de personagens marginalizadas em diferentes contextos e épocas, porém elegem o cenário amazônico como pano de fundo das narrativas. Na construção dos contos destaca-se a primazia com que os autores constroem suas personagens e os espaços onde elas estão inseridas, revelando as críticas que se erguem a dois momentos marcantes na história do estado Amazonas; os ciclos da borracha (1879-1912 e 1942-1945) e a implantação e implementação da Zona Franca de Manaus (1957 e 1967). Considerando esses contextos, analisamos a personagem Maibi, da obra de Rangel, e a personagem Izabel Pimentel, da obra de Souza, que revelam arquétipos e estereótipos atribuídos à figura da mulher no contexto amazônico que vão desde a imposição de um padrão de beleza à violência física, e como são silenciadas.

As personagens nos contos são apresentadas de maneiras distintas. Maibi afigura a realidade da mulher cabocla no contexto do ciclo da borracha na Amazônia, que proporcionou a região um período de desenvolvimento acelerado. À época, a capital do Amazonas, a cidade de Manaus, era chamada de Paris dos trópicos e esse período ficou conhecido na história como a *Belle Époque* Amazônica. A personagem Izabel Pimentel se enquadra no período pós-ciclo da borracha e alguns anos depois da implantação da Zona Franca de Manaus (1957), na década de 70, cujos cenários social, cultural e econômico estavam se recuperando da fase da decadência do comércio do látex. Como pondera Márcio Souza (2007), Manaus atravessava um momento difícil:

> Manaus da falta de gentileza em meio à grosseria empresarial arrivistas. Manaus da falta de postura urbana, da economia informal e da decadência cultural. Cidade da degeneração folclórica. [...] Cidade acostumada a apanhar na cara, a ser violentada, a ser roubada vergonhosamente pelos amantes. (SOUZA, 2007, p.20)

É sob essa ótica cultural que se ergue o estudo das personagens femininas dos contos em análise. A personagem Maibi, no conto homônimo, é a única mulher que aparece de forma explícita, porém do início ao fim da narrativa ela é uma personagem sem voz, oprimida e submissa aos mecanismos de exploração e dominação e ao poder patriarcal que se regiam nos seringais. Ela não possui falas e tudo o que se diz e se conhece ao seu respeito é através da voz do narrador. Talvez, numa tentativa de representar aspirações e sensações do feminino, acaba contribuindo com um discurso misógino, quando a única personagem mulher do conto tem sua voz silenciada e tampouco representada. Assim, pouco se sabe sobre o seu passado ou suas características como sujeito. Apesar de dar nome ao conto, Maibi, como personagem, é conhecida através da descrição da vida do seu companheiro, Sabino. Ela era uma cabocla, "linda cunhã, enguiço núbil, tentação [...] os olhos dela, tingidos no sumo do pajurá; andar miúdo e ligeiro de um maçarico; seus cabelos do negro de mutum-fava; o vulto roliço" (RANGEL, 2008, p. 123).

Um pouco diferente da história da personagem Maibi, Izabel Pimentel, do conto "A Caligrafia de Deus", é uma personagem que tem um grande desenvolvimento dentro da narrativa. No início do conto, temos uma menina inocente e ingênua que sonhava em viver um romance, assim como todas as moças da comunidade onde nascera, Iauareté-Cachoeira, baseado nas revistas de fotonovelas que continham histórias de amor, com fotos de beijos que a seduziam e a deixavam completamente fascinada. Porém, no decorrer do conto, há uma mudança brusca na vida de Izabel. Influenciada por muitos, como as personagens Madre Lúcia, Padre Andreotti e a dona Maria Pimentel, sua mãe, a personagem acaba em uma situação totalmente degradante. Sua condição de mulher, de índia, de pobre refletem as categorias de opressão e violência que foram instituídas a muitas mulheres na constituição de uma cultura sexista no cenário amazônico. Izabel Pimentel se torna Índia Potira, prostituta, conhecida como louca por viver repetindo que "Deus escreve certo por linhas tortas", amante de um batedor de carteiras, chamado vulgarmente de Catarro, e detinha uma obsessão por beijos. Como expõe Márcio Souza (2007, p. 23): "Izabel Pimentel, que já estava morta há cinco horas, tinha morrido sem saber por que tinha sido batizada com o nome Izabel Pimentel. Morrera com uma certeza,

a de que Deus escrevia certo por linhas tortas. ” Diante desse cenário, notamos como certas formas de violências contra a mulher estão imbricadas e enraizadas em um discurso cultural, no qual a categorização da mulher se faz mediante gênero, corpo e lugar. As personagens Maibi e Izabel Pimentel/ Índia Potira refletem como tal discurso se faz no contexto amazônico e na colonização dos seus corpos como gênero feminino. Como pondera Rita Terezinha Schimidt (2012), a sexualização dos corpos femininos está vinculada a concepções históricas e culturais.

> A constância do dualismo natureza/cultura e seus efeitos na concepção do corpo feminino são indissociais de interpretações das relações mulher natureza/cultura, as quais ocupam lugar central na imaginação da cultura ocidental. Na mitologia, nas artes visuais, nas doutrinas religiosas, nos tratados filosóficos, nas ciências médicas e sociais, na psicanálise, na literatura e nos meios midiáticos, o corpo feminino é sacralizado pela sua capacidade gerativa, exaltado pela beleza, repudiado pela impureza, erotizado pelo olhar masculino, controlado pelo aparato estatal, e explorado e aviltado pela violência de discursos e práticas que se disseminam no campo social. Tudo o que sabemos sobre o corpo feminino, no passado e presente, existe na forma de representações e discursos, que são efeitos de mediações, nunca inocentes e nunca isentos de interpretações. Isso quer dizer que o significado cultural do corpo feminino não se reduz à referencialidade de um ser empírico de carne e osso, mas constitui um constructo simbólico, produzido e reproduzido na cultura e na sociedade ocidental ao longo dos tempos. (, 2012, p. 234)

É notável como o ambiente em que Maibi e Izabel Pimentel estão inseridas influencia na psicologia das personagens, na erotização de seus corpos, e consequentemente, nos seus comportamentos, pois levando em consideração os aspectos espaciais que se constroem nas narrativas, percebemos como as relações de poder se chocam com as relações de gênero.

Maibi é apresentada como uma personagem totalmente passiva mediante ao silêncio que lhe é imposto. Ela não tem voz, é submetida ao enclausuramento doméstico, dado a ela não por sua real vontade, mas instituído pela sociedade sexista que se fazia nos seringais. É tida como moeda de troca para a quitação da dívida do seu companheiro, Sabino; “então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nada me deve e deixa a Maibi com o Sérgio. ” (RANGEL, p.121, 2008). É nesse discurso que percebemos como a mulher é objetificada tanto em uma questão doméstica quanto sexual, reforçando o discurso patriarcalista, que subjuga a mulher como ser vulnerável, frágil e de pertencimento do homem. Maibi foi entregue para Sérgio como um prêmio e mesmo assim não reage. Isso demonstra como a personagem está amarrada ao pensamento

ideológico de mulher subalterna. Notamos isso na citação abaixo, na qual o contrato foi firmado e Maibi nem estava presente, evidenciando a sua anulação como sujeito.

> Mas, que negócio fora afinal firmado? O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que a tanto a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar essa dívida. O mais comum dos arranjos comerciais, essa transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas. (RANGEL, 2008, p,121)

Podemos perceber como a personagem Maibi é colocada na mesma condição das mercadorias expostas nas prateleiras do armazém, como um prêmio e ao mesmo tempo como uma dívida que viria a aumentar. Entre essa dicotomia prêmio versus dívida, se evidencia o dualismo entre o corpo feminino e a sua comercialização, no que tange à construção da mulher como objeto de desejo.

Já Izabel Pimentel tenta ir contra as instituições sociais, a subalternidade e se livrar da cultura de Iauareté-Cachoeira, o qual sua mãe e as mulheres da sua comunidade eram submetidas:

> Uma outra diversão do velho Pedro era espancar a mãe de Izabel duas vezes por ano. Uma no natal e outra no dia de Nossa Senhora Auxiliadora. A mãe de Izabel tinha alguns dedos inutilizados devido a essa prática anual do marido. [...]. É claro que os dedos inutilizados da mãe de Izabel não serviam para identificá-la, todas as mulheres casadas apanhavam dos maridos nas mesmas datas e tinham igualmente os dedos inutilizados que mostravam para as filhas como advertência, todas as vezes que elas vinham falar de casamento. (SOUZA, 2007, p. 24)

Nesse processo de revolta que a personagem Izabel Pimentel sente, há a configuração dos mecanismos de violência, aculturação e sexualização do seu corpo. O narrador deixa explícito as formas como pessoas, assim como Izabel Pimentel, não são aceitas pela sociedade, e como são postas a elas exigências para que possam adaptar-se ao meio. Madre Lúcia é uma das principais responsáveis nesse processo de perda de identidade de Izabel, e isso fica claro quando a Madre a convence de que seus dentes devem ser arrancados, pois eram dentes amarelados, desalinhados e pontudos, e apenas uma prótese dentária lhe daria dentes perfeitos como uma verdadeira “moça da cidade” e enfim realizar o desejo de ser beijada.

> Ela deu início ao processo de transformar sua boca de bugre em boca de gente. Cada dente extraído, daí para frente, era como se deixar levar mais uma vez pela exótica maneira de Deus riscar no mundo a sua

> sina. Mas o processo não era barato, não seria feito de graça. (SOUZA, 2007, p.32)

Como percebemos, Izabel se submete às loucuras da irmã Lúcia e todos os seus dentes são arrancados, substituídos por uma dentadura. É quando fica evidente a desconstrução da identidade da personagem Izabel, por meio, primeiramente, da violência psicológica que acarreta na violência do seu corpo. Além disso, ela ainda sofre abusos sexuais praticados pelo padre Andreotti, homem europeu, que ainda reproduz os discursos que foram construídos no período da conquista e colonização da região amazônica. As caboclas e as mulheres indígenas carregam este estereótipo colonial de mulher lasciva e disposta ao sexo, devido suas ancestrais andarem em pelo e diante do olhar do colonizador era fato para um convite sexual.

No decorrer da narrativa Izabel Pimentel foge do interior para Manaus, em busca de reconstruir sua identidade, porém o condicionamento social e cultural acaba levando-a a sua fragmentação como sujeito e como mulher, reforçando o seu estereótipo de mulher subalterna, por meio da sociedade patriarcal. Izabel Pimentel termina sendo "devorada" por Manaus, devido ao caos causado pela implantação da Zona Franca, refletindo assim na construção da personalidade de Izabel Pimentel, que em Manaus passa a ser conhecida com a prostituta Índia Potira. Sobre a inserção da personagem no contexto de modernização que a sociedade manauara passava, o narrador expõe a insatisfação de Izabel/ Índia Potira:

> No fim do turno, todas as funcionárias passavam pelo setor de segurança, onde eram vistoriadas pelos guardas para ver se não estavam roubando nada. A Índia Potira não gostava nada de ter as mãos nojentas de um guarda qualquer apalpando seu traseiro todos os dias, só para saber se ela não teria enfiado algum transístor no rabo. [...] A Índia Potira achou que seria uma loucura se voltasse a trabalhar na fábrica Sayonara Eletrônica, onde ganhava uma mixaria por mês e uma dedada por dia, quando numa só noite e em cada dedada podia faturar dez vezes o maldito salário que aqueles filhos da puta pagavam. (SOUZA, 2010, p.43.).

É possível notar esse processo de desconstrução da personagem Izabel Pimentel, menina ingênua de Iauareté-Cachoeira, para Índia-Potira, mulher sofrida, marginalizada e posteriormente, prostituta de uma boate de quinta categoria. Todos estes arquétipos são reflexos das condições sociais que a cercavam, mesmo ela lutando para mudar a sua realidade, acaba indo ao encontro de seu aviltamento como sujeito marginalizado e oprimido pela sociedade.

Izabel Pimentel/Índia Potira possui uma relação violenta com seu companheiro Catarro, um ladrão, e mesmo ela estando em um relacionamento com ele, não realiza o seu sonho de ser beijada, pois o seu "sorriso" causava repulsa nos seus clientes e no seu companheiro. Izabel Pimentel/Índia Potira, mulher, índia, pobre, marginal, que tinha um único desejo, o beijo, termina com um trágico fim, que reforça ainda mais a sexualização e erotização do seu corpo.

> O corpo estava em decúbito dorsal como sairia nas matérias dos jornais. Uma mulher baixa, bem cheinha nas ancas, a cabeça com três furos de bala e o cabelo escuro marcado por placas de sangue coalhado. [...] Índia Potira tivera o corpo furado de balas e estava atravessada, morta, no meio do quarto vestindo apenas a calcinha cor de limão que ele tinha dado e que ficava tão bem nela. (SOUZA, 2007, p. 23-39)

Por consequência da sua condição social e cultural, já estava previsto pela caligrafia de Deus o seu fim, visto que, o seu sobrenome Pimentel já a condenava a um fim trágico, pois esse era um fim de todas as mulheres da comunidade de Iauareté-Cachoeira, onde Izabel Pimentel/ Índia Potira nasceu. Embora ela lutasse contra seu destino não tinha como escapar disso, pois haveriam barreiras de convenções sociais e estereótipos que a acompanhavam e a colocavam como mulher desvalorizada socialmente. Por fim, ela acaba sendo completamente esmagada pela sociedade urbana e sexista, assassinada por uma polícia incompetente, que procurava se livrar do que ela julgava como escória social.

A erotização e sexualização dos corpos das índias e caboclas no contexto amazônico, segundo Castro (2018), se fez no processo histórico da região, no que culminou na construção dos corpos femininos como lugar de prazer sexual para o homem, assim, é perceptível a forma como os corpos das personagens Izabel Pimentel/ Índia Potira e Maibi são apresentados com extremo erotismo. Izabel Pimentel/ Índia Potira é morta vestindo uma lingerie verde limão e Maibi é assassinada totalmente nua presa a uma seringueira. Percebemos isso na voz do narrador, quando ele deixa subentendido que a personagem Maibi era de sexualidade latente.

> As carícias ardentes da moça iriam agora aplicar-se em outro... Nos braços de outro ela se arrebataria em juras e suspiros... Fora-lhe bem duro apartar-se; mas "era o jeito". E o seringueiro procurava abafar pensamentos que o incomodavam..." (RANGEL, 2008, p.123).

Essa erotização do corpo feminino é dada com um ar de naturalização, pois está presente na sociedade, principalmente, na sociedade amazônica, visto que as índias e caboclas tinham seus corpos comercializados para a satisfação sexual do homem.

O processo de violência contra o corpo da mulher fica bastante explícito quando é revelado dentro da narrativa a morte de Maibi. Como discutimos, a personagem é homônima ao conto, porém seu protagonismo é invisibilizado pelo discurso patriarcal, no qual ela é colocada como subalterna, marginal e silenciada, culminando em mais violência contra seu corpo.

> [...] completamente despida, estava amarrada à certa seringueira. [...] Era como uma extravagante orquídea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da árvore fatídica. Sobre os seios túrgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas rijas, tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma dúzia de tigelas. Devia o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar, regando as raízes do poste vivo que sustinha a morta. (RANGEL, 2008, p.130)

Percebemos o martírio de Maibi, no qual o seu corpo é completamente mutilado por um homem, que ainda reverbera a posse do macho sobre a fêmea, demonstrando o papel da mulher como objeto de possessão. Assim como a seringa, ela pertencia ao seringueiro (homem), evidenciando sua posição de inferioridade.

Embora as personagens sejam descritas em épocas distintas, os papéis de Maibi e Izabel Pimentel/ Índia Potira refletem as constituições de um discurso de discriminação e violência que prevalece até hoje na sociedade amazônica, onde as mulheres que sofrem opressão, são silenciadas, marginalizadas e têm seus corpos marcados pela erotização e sexualização de processo histórico ligado ao patriarcalismo.

Enfim, Izabel Pimentel/ Índia Potira e Maibi são representadas como o modelo de mulher subalterna e sem direito a voz na concepção de uma sociedade sexista no contexto amazônico. Mesmo que elas tentem ir contra ao que já estava instituído nos seus locais de sujeito, suas forças são oprimidas pela invisibilidade do seu gênero, por serem mulheres. A representação das suas mortes revela como ainda há muita luta, no que diz respeito ao direito e lugar de fala do feminino. As personagens afiguram uma luta que se trava há alguns séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre as formas de submissão e silenciamento como forma de violência que as personagens dos contos “Maibi” e “A Caligrafia de Deus”, como mulheres, sofrem dentro das narrativas, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e históricos.

Com base no levantamento teórico, percebeu-se que a mulher durante muito tempo foi vista como um ser inferior, que servia apenas para procriar e servir ao homem, pois o seu sexo feminino era o motivo de sua sujeição, em consequência disso, as mulheres durante muito tempo foram retiradas de todo sinal de poder; não tinham direito a estudar, trabalhar (fora de casa), votar e ser votadas, exerciam apenas atividades desvalorizadas pelo homem, eram subordinadas ideologicamente ao poder masculino. As mulheres nativas do espaço amazônico não se distinguiam, pois, eram caracterizadas como submissa, servil e inferior, e não apenas em referência a figura masculina, mas entre outras mulheres, pois sua condição subalterna evidenciava-se entre as relações de gênero, classe e etnia.

As personagens analisadas, Maibi e Izabel Pimentel/Índia Potira, representam justamente, essas mulheres cujos estereótipos coloniais as cercam e reforçam seus papéis de mulheres subalternas, vítimas de violência, mulheres sem visibilidade e sem voz, lascivas e dispostas ao sexo. Por meio dos contos, percebe-se como esses estereótipos estão enraizados na sociedade, através da personagem Izabel Pimentel que se submete a loucuras para fugir desses preconceitos e moldes, como até mesmo deixar Madre Lúcia arrancar todos os seus dentes e substituí-los por uma dentadura na busca de ser beijada e assim tornar-se uma verdadeira “moça da cidade”. Porém, por mais que ela lutasse não tinha como escapar de seu destino, pois já estava previsto pela caligrafia de Deus, o seu fim trágico.

Portanto, percebe-se que, apesar dos contos analisados serem de contextos e épocas diferentes, é perceptível como os estereótipos de mulher submissa e silenciada prevalecem até na atualidade, através do sistema patriarcal, desde o padrão de beleza à violência física, e como são silenciadas. Essas representações devem ser desconstruídas, para que as mulheres sejam respeitadas como indivíduos, independentemente de gênero, posto que a hierarquia sexual é fruto de um processo histórico, o qual pode ser combatido e transformado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BATISTA, Djalma. **Amazônia-** Cultura e Sociedade. 3ª edição. Manaus: Editora Valer, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. . Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo** sexo: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

CASTRO, Everton Mateus Moura. Izabel Pimentel: a representação da mulher no conto a Caligrafia de Deus de Márcio Souza. In: DE SOUZA, Eulisson Nogueira, et. al. **Estudos Literários: diálogos e poéticas**. Joinville: Clube de Autores, 2018. p. 93-105.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus. EDUA, 2005.

ENGRÁCIO, Arthur. **Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas**. Manaus: UA, 1994.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do Ciclo da Borracha**: A selva, Beiradão e O amante das amazonas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

MICHEL. Andrée. **O feminismo**: uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MONTYSUMA, Marcos. CRUZ, Tereza Almeida. Perspectivas de gênero acerca de experiências cotidianas no seringal cachoeira – acre (1964-2006). **História Unisinos**. V. 12, Nº3, 2008.

NEGREIROS. Maurício Guedes de. Família nos seringais: costumes e afazeres. Macapá- AP. I Encontro Estadual da APNPUH-AP. I JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA "**Diásporas, migrações e territorialidades na Pan- Amazônia**".

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. - São Paulo: Contexto, 2007.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. 6.ª edição. Manaus: Editora Valer, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classe**: Mito e Realidade. Petrópolis: Vozes, 1976

SCHMIDT, Rita Terezinha. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. In: **Organon**: Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Volume 27. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Nº 52, 2012, p. 233 – 261.

SILVA, Joanna da. **A mulher e o poder na ficção de Milton Hatoum**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2015.

SOUZA, Márcio. **A Caligrafia de Deus**. São Paulo: Lazuli Editora, 2007.

_____. **A Expressão Amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 11-43.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.